

## **Eulàlia Bosch:**

Bom dia, bom dia. Desta vez vamos falar em castelhano porque o nosso amigo Pablo vem de Sevilha e, assim, facilitaremos o diálogo. E dou também as boas-vindas a todas as escolas que estão aqui e espero que o nosso diálogo seja também muito interessante para vocês.

Dado que estamos num palácio de desportos, vou fazer um pouco como os atletas para começar: vou recuar um pouco, para que com eles possamos saltar mais à frente e mais longe. E começarei por dizer que Barcelona, a Barcelona romana, estava protegida por uma muralha. E crescer significou construir o Eixample, projetado por Cerdà, juntamente com Gaudí, Domènech i Montaner, os grandes nomes da arquitetura e do urbanismo catalão, e juntamente com a Ciutat Vella construíram o coração da cidade, o coração de Barcelona.

Depois, com o presidente da Câmara Pasqual Maragall, foi realizada a abertura da cidade ao mar, com novas construções e, sobretudo, com novas ligações entre os bairros. Porque raio estou agora a falar de Barcelona aqui, num lugar totalmente internacional, e não falo, por exemplo, de Granollers, que também teve a sua muralha?

Faço-o precisamente porque foi nessa altura, quando a cidade se abriu ao mar, que Pasqual Maragall, juntamente com Marta Mata, teve a ideia de criar as Cidades Educadoras. Foram eles que deram forma ao fórum em que hoje estamos todos nós, os jovens e nós.

Simultaneamente, portanto, com o nascimento da Associação Internacional de Cidades Educadoras, foi desenhado o perfil da cidade de Barcelona, com os seus equipamentos e as suas esculturas ao nível da rua. Surgem então o Teatre Nacional, o Auditori, o Hotel Vela, a Torre Agbar, apenas para assinalar alguns dos edifícios que passam a ser elementos distintivos da cidade.

Tudo isto, enquanto outros continuam com a reivindicação da segurança da família. Juntamente com as esculturas de Gehry, de Susana Solano, de Pistoletto. E chega o momento das praças duras e dos parques, e do debate sobre o que precisamos mais, se praças duras ou parques.

Esta conquista do espaço público para acolher e fomentar a vida cidadã colocou o urbanismo no centro do próprio debate, um debate que ainda hoje continua.

A partir desse momento, a estrutura da cidade passou a ser uma questão não apenas das administrações, mas também dos cidadãos de Barcelona. E esta conversa que hoje se propõe tem como objetivo refletir sobre a capacidade que o espaço público tem de criar cidadania, de criar justiça social, de criar comunidade.

E conta, para isso, com duas personalidades muito relevantes do mundo, não apenas da arquitetura, mas também do urbanismo e, sobretudo, da filosofia que os envolve.

Neste momento, todos já tiveram a oportunidade de procurar na Internet quem é Pablo Sendra e quem é Oriol Nel·lo. E, portanto, dou-lhes as boas-vindas aqui sem explicar todos os seus méritos, que são infinitos.

Direi, no entanto, por que estão aqui, por que foram convidados. E foram ambos convidados pela sua contribuição no campo da reflexão contínua sobre a sua profissão. Porque não exercem apenas uma profissão, mas também pensam sobre ela.

Dito de outra maneira, não estão aqui como técnicos da construção, mas como filósofos do planeamento.

E é neste sentido que quero orientar esta conversa. Nós também não somos arquitetos, nem urbanistas, mas somos fortemente influenciados pelo que eles decidem sobre as nossas cidades.

Por isso, foi um prazer reler o livro *Desenhar a desordem*, que Pablo escreveu juntamente com Richard Sennett, que deveria estar aqui e a quem presto homenagem, mas que finalmente não pôde vir.

E é um bom exemplo desta especificidade filosófica que sustenta a sua proposta no momento de desenhar espaços urbanos.

E, ao mesmo tempo, de todas as obras de Oriol Nel·lo que temos vindo a acompanhar ao longo dos anos, quero destacar a segregação residencial, a desigualdade social e as políticas públicas nas grandes cidades ibéricas, que se ligam diretamente a muitas das coisas que acabámos de ouvir na intervenção de John Powell.

Quero começar a minha primeira pergunta, que é para eles e também para vocês, dizendo:

A pedra, a arquitetura, a cidade, ajudam o espírito, a vida das pessoas? Podem os espaços públicos da cidade facilitar a comunidade entre as pessoas e a coesão dos grupos sociais que, sem estes espaços públicos, ficariam dispersos ou simplesmente invisíveis?

Passo-vos a palavra.

**Pablo Sendra:**

Sim, bem, acho que, continuando com a palestra de John Powell que acabámos de ver, há espaços que facilitam o encontro entre pessoas ou estes vínculos fracos, ou *thin bonds*, de que ele falava, entre pessoas que talvez não se conheçam ou que talvez não tivessem oportunidade de interagir umas com as outras.

E então, enquanto urbanistas, também temos a responsabilidade de pensar como são esses espaços. Mas, na realidade, estes espaços não são apenas pedra; não é simplesmente uma questão de material.

Projetar os espaços vai muito para além de projetar a pedra, implica também projetar como são as possíveis relações entre as pessoas que podem ocorrer nesses espaços e que políticas urbanas podem ser aplicadas para que essas barreiras que impedem as pessoas de interagir possam ser eliminadas.

E, para não ficar apenas no terreno teórico, vou dar um exemplo de um lugar de Londres.

A Lali disse que venho de Sevilha, mas, na realidade, vivo em Londres há 12 anos e é aí que faço a minha vida quotidiana, onde passeio pelas praças e onde interajo socialmente.

Falo de uma praça que vivi muito intensamente, porque nos primeiros anos em que vivi em Londres residia neste distrito, Hackney, no leste de Londres.

É uma praça chamada Gillet Square, da qual falo um pouco no livro.

Uma praça que vivi muito intensamente. E também quis interessar-me por saber como se tinha chegado a esta praça, onde diferentes culturas, muito diferentes entre si, convivem no mesmo espaço, reconhecem-se, interagem e chegam até a criar relações.

O mais interessante é que esta praça nem sempre foi uma praça.

Inicialmente, no final dos anos noventa e início dos anos dois mil, era um parque de estacionamento onde os carros entravam e saíam. Não havia grande coisa; não acontecia nada, não havia oportunidades de interação social.

No entanto, nessa época, Londres, na realidade, olhava muito para Barcelona.

Lembro-me de que, nessa altura, o Instituto de Arquitetos de Inglaterra atribuiu o Prémio Nacional de Arquitetura à cidade de Barcelona, em vez de o atribuir a um arquiteto, no início dos anos noventa e início dos anos dois mil.

E esta praça fazia parte de uma iniciativa chamada 100 Espaços Públicos em Londres.

Mas o mais interessante também foi o facto de ter sido criada por uma cooperativa, em vez de pela Câmara Municipal ou por alguma instituição. Foi criada por uma cooperativa local.

E o que esta cooperativa local fez foi colocar naquele parque de estacionamento uma série de quiosques — penso que eram quatro ou cinco — e alugá-los por um preço muito baixo, sobretudo à comunidade afro-caribenha que vivia na zona, que, de outra forma, não teria conseguido suportar o custo desses quiosques.

Assim, instalaram-se ali: num havia um pequeno café, noutro uma rádio local, havia vários negócios locais que começaram a promover a interação social.

As pessoas começaram a reunir-se em torno desses quiosques situados no parque de estacionamento.

De repente, um parque de estacionamento transformou-se numa zona de interação social.

E isso deu lugar a um passo seguinte: dizer, bem, este parque de estacionamento já está a transformar-se num espaço público; vamos retirar os carros, pavimentá-lo.

E o parque de estacionamento foi pavimentado. E depois, cerca de cinco ou seis anos mais tarde, chegaram outros arquitetos, neste caso um coletivo de arquitetos, e colocaram dois contentores marítimos nesta praça, que já era uma praça dura, muito semelhante às praças duras que temos em Barcelona.

Esses dois contentores marítimos que estas arquitetas colocaram eram uma ação muito simples: simplesmente ter dois contentores. Mas lá dentro havia diferentes elementos: mesas de pingue-pongue, equipamentos audiovisuais e ecrãs, estruturas para skaters andarem de skate, jogos para crianças...

E havia uma série de voluntários com as chaves desses contentores que retiravam e guardavam continuamente todos esses elementos.

Assim, cada vez que eu ia a esta praça, vivendo em Londres, parecia um espaço completamente diferente.

Num dia havia skaters a fazer as suas atividades; noutro dia havia um cinema ao ar livre e víamos documentários ou filmes; noutro dia havia um concerto no meio da praça.

Cada dia era uma praça completamente diferente e que dava lugar à interação social.

E ainda continua assim. A praça continuou a evoluir, houve mais intervenções, mas, na realidade, é um espaço público em transformação contínua e que dá lugar a este tipo de cidade.

É realmente o desenho da praça que produz isto?

Sim, mas não é o único fator.

O facto de a praça ser gerida por uma cooperativa que praticava rendas muito baixas, sobretudo para os negócios de pessoas afro-caribenhas da zona, promoveu que esta praça fosse um espaço de interação social.

Se, em vez disso, tivesse chegado alguém a dizer diretamente: «Aqui há um parque de estacionamento, acabemos com o parque de estacionamento, coloquemos pavimento e já têm uma praça», aquela praça não teria sido assim.

Mesmo que formalmente tivesse sido praticamente idêntica, não teria sido aquilo que é hoje.

**Eulàlia Bosch:**

Obrigada, Pablo.

É de aplaudir, é uma ideia com que temos de ficar: saber que a voz dos habitantes da zona pode influenciar um espaço que talvez tivesse sido desenhado de uma forma muito semelhante, mas que, pelo contrário, nunca será aquele espaço que nasce do desejo dos cidadãos.

Amigo.

**Oriol Nel·lo:**

Bom dia, bom dia.

Antes de mais, agradecer o amável convite para estar aqui e agradecer também toda a vossa presença. Para mim é um grande prazer.

A Lali pergunta-nos sobre a relação entre a pedra e o espírito, se quisermos dizer assim; entre a forma urbana, como são os espaços onde vivemos, e a organização da sociedade.

A organização das nossas relações.

Eu diria que não se trata de uma coisa condicionar a outra, mas sim de existir uma inter-relação muito profunda, como o Pablo nos explicava agora mesmo.

O que quero dizer com isto?

Que, certamente, a forma como a cidade é produzida, a forma como nos relacionamos, a propriedade que uns têm, a propriedade que outros não têm, condiciona a forma urbana.

E, por outro lado, a forma urbana faz com que essas relações sociais tomem uma determinada direção ou outra, como nos explicava Pablo com o seu belo exemplo da praça de Londres.

Deixem-me dar outro exemplo.

O Pablo ocupa-se mais de questões de urbanismo de pequena escala, arquitetónicas.

Até eu, que sou geógrafo, penso normalmente em espaços maiores.

Gostaria de comentar brevemente, a partir de um exemplo ou de dois exemplos, como não apenas a forma física do espaço público, mas a própria distribuição da cidade, condiciona as relações sociais.

E deixem-me pegar num exemplo um pouco distante.

Tomemos o exemplo da cidade de La Paz, a capital da Bolívia.

Talvez saibam que a cidade de La Paz está situada no fundo de um grande desfiladeiro, de um grande desfiladeiro andino, a uma grande altitude.

Na verdade, alguns viajantes que chegam a La Paz sentem-se mal quando saem do avião, porque as zonas mais baixas da capital estão situadas a cerca de 3.000 metros, o que para nós seria o cume da Pica d'Estats, para nos entendermos, o cume da Catalunha; pois eles têm isso nos bairros mais baixos.

Enquanto o planalto, a parte alta da cidade, aquilo a que chamam «El Alto», está situado a 4.000 metros.

O que acontece?

No planalto, como todos sabem, há menos oxigénio. Porquê? Porque há maior altitude.

Enquanto nas zonas baixas da cidade respira-se melhor.

No planalto, além disso, há muito vento, o clima é pouco acolhedor, vive-se pior. A parte baixa está mais protegida.

Esta é a forma da cidade.

Pois bem, os grupos sociais distribuíram-se pela cidade em função da sua capacidade de pagar pelo local de residência.

E o que aconteceu?

Aqueles que têm mais recursos instalaram-se nas zonas baixas, as mais acolhedoras, enquanto aqueles que têm menos recursos vivem habitualmente na zona alta.

Agora vou generalizar.

E, a partir desta distinção básica, que nós poderíamos encontrar em qualquer uma das nossas cidades — em Barcelona, os que veem o mar e os que não o veem; em Granollers, os que têm acesso fácil à estação ou aos serviços, etc., e os que têm um acesso pior — foi-se estruturando toda a rede viária, os serviços, os equipamentos, até os monumentos e os espaços simbólicos da capital boliviana.

E isto, evidentemente, condiciona fortemente a forma como as pessoas vivem.

Porquê?

Porque a organização da cidade não apenas reflete as desigualdades sociais, mas contribui para as manter e reproduzir.

Aqueles que vivem em baixo, com mais oxigénio, mais protegidos, com melhores serviços e melhor acessibilidade, têm mais facilidade do que aqueles que vivem em cima.

Na cidade, além disso, acontece outra coisa.

Desculpem se me alongo um pouco, depois dizem-me.

Na cidade, além disso, a forma urbana não se estabelece apenas a partir daquilo que fazemos hoje, mas também daquilo que recebemos do passado.

No *18 Brumário de Luís Bonaparte*, Marx dizia:

«A memória dos mortos oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.»

Na cidade é ainda mais do que isso, porque não é apenas a memória das gerações que nos precederam que condiciona a nossa forma de viver, mas também as formas físicas.

A Porxada, aqui em Granollers, encontrámo-la já construída.

E o Eixample de Barcelona também o encontramos já construído.

E isso condiciona a forma como vivemos.

Não é?

A forma urbana e as relações sociais têm uma interação muito clara.

E, por isso, qualquer projeto transformador, como o das Cidades Educadoras, que proponha uma transformação social no sentido de uma maior equidade, etc., deve considerar a forma urbana como ponto de partida, mas também como um limite que não pode ser simplesmente aceite, um limite que é necessário superar para estabelecer formas que permitam uma maior equidade e uma maior coesão social.

**Eulàlia Bosch:**

Magnífico, magnífico.

Pablo, estamos a aprender imenso, não é?

Agora deveríamos ter espaços em branco para podermos assimilar tudo isto, mas vamos continuar.

Não vamos parar.

Pablo, no livro que escreveste, que se chama *Desenhar a desordem*, falas da desordem urbana, falas de ambientes em que a arquitetura não tenha condicionado à partida a sua utilização, de sistemas abertos, da multiplicidade e até da contradição na criação de espaços.

Em que medida todas estas condições, todas estas qualidades, fazem com que o espaço que finalmente resulta seja um espaço favorável a essa justiça social?

Porque, neste momento, acontece que a justiça social não tem apenas a ver com o salário no final do mês, mas também com a quantidade de oxigénio disponível.

É que estamos realmente num momento de cidades educadoras totais.

Força, Pablo.

**Pablo Sendra:**

Sim, bem, no exemplo que estava a explicar acho que também ficava claro como ter um espaço que permite improvisar, a interação social, situações inesperadas, provoca realmente este encontro entre pessoas e esta capacidade de reconhecer o outro.

Mas talvez dê outro exemplo e leve-vos a outra zona de Londres, para que a possam imaginar.

Embora tenha a certeza de que muitos e muitas de vocês já lá estiveram, nesta zona de Londres, porque é uma zona bastante famosa: Portobello Road.

É um mercado muito conhecido de Londres, a oeste da cidade, mesmo a norte de Notting Hill, que é o bairro que se tornou muito famoso por causa de um filme que lá nem querem mencionar, sobretudo porque também trouxe muitos problemas de turismo e gentrificação ao bairro.

Lá chamam-lhe «aquele filme que não queremos mencionar», como se fosse o vilão de Harry Potter. Que eu prefiro muito mais a esse filme.

### **Oriol Nel·lo:**

Bem, totalmente, eu devo tê-lo visto três ou quatro vezes; é a história romântica por excelência, enfim.

É assim, é assim, uma grande Julia Roberts, que queres.

### **Pablo Sendra:**

Bem, então, neste bairro, nos anos cinquenta e sessenta, era um bairro bastante pobre, com muita imigração, mas também com um grande contraste social.

Na realidade, não era tanto um bairro pobre, mas sim um bairro onde contrastavam muita pobreza e muita riqueza.

A zona de Kensington e Chelsea é uma das zonas mais ricas do país, mas, ao mesmo tempo, tem determinadas áreas com pobreza.

Em Londres, a segregação social de que o Oriol falava verifica-se muito mais a uma pequena escala do que a uma grande escala.

Sobretudo se compararmos com as cidades norte-americanas, onde existe uma segregação social muito mais clara.

Em Londres é muito mais de rua para rua, praticamente.

E o caso é que, nos anos sessenta, foram destruídas milhares de habitações nesta zona de Portobello Road para construir uma autoestrada elevada.

Uma autoestrada elevada que deveria fazer parte de uma espécie de circular que daria a volta a toda a Londres, mas da qual apenas este troço foi construído, porque depois a pressão social fez com que o resto do projeto fosse suspenso. Mas este troço foi, de facto, construído.

Isto deslocou milhares de famílias, sobretudo as famílias mais desfavorecidas.

Mas o mais interessante foi que um grupo de ativistas locais, um grupo de pais e mães que queriam espaços de jogo para crianças, começou a ocupar os espaços por baixo da autoestrada, que ainda estava em construção, para criar espaços infantis autoconstruídos, como baloiços feitos por eles próprios.

É aquilo a que ali se chama *Adventure Playground*, espaços de jogo de aventura autoconstruídos.

E então as pessoas começaram a ocupar este espaço por baixo da autoestrada, que, em princípio, era um espaço completamente inóspito, mas que, de repente, se transformou num espaço social.

Isto levou este grupo de ativistas locais a reivindicar as nove hectares de espaço por baixo da autoestrada, que, afinal de contas, era um espaço público coberto, porque era um espaço público pelo qual praticamente não passavam ruas.

Portanto, era um espaço público totalmente coberto.

Reivindicaram-no como espaço comunitário e criou-se uma espécie de cooperativa, como uma fundação, que administrava estas nove hectares de terreno para a comunidade.

E ali começaram a surgir centros desportivos, pistas de skate, estúdios para artistas, escritórios para ONG, espaços de apoio aos cidadãos, como um centro jurídico para pessoas migrantes, diferentes tipos de espaços, lugares para facilitar o acesso à habitação...

E transformou-se neste espaço para a comunidade, que hoje já tem 53 anos e com o qual também trabalhei.

O mais interessante é que, por volta de 2015-2016, quando conheci vários ativistas locais, estes ativistas já se estavam a revoltar contra a fundação que administrava aquele terreno.

Uma fundação que inicialmente deveria ser comunitária, mas que já estava a promover a gentrificação da zona.

Gentrificação significa o deslocamento da população local para transformar aquela zona, que tinha sido um espaço comunitário, fundamentalmente num centro comercial, num espaço muito mais ligado à instalação de lojas caras e de espaços que já não eram para a comunidade.

E então começaram a opor-se a esta fundação, até ao ponto de estes ativistas locais conseguirem assumir uma parte da direção da fundação e mudar o seu rumo.

O primeiro projeto que fizeram, um pouco para mudar a orientação da fundação, foi um projeto em que eu fiz todo o processo participativo, que se chamava *Community Street*, a rua comunitária.

Era um projeto muito interessante.

O desafio era saber como transformar este espaço, que tinha esta origem de levar as pessoas para um espaço público coberto, num espaço que pudesse transformar-se.

O que fizemos foi uma série de workshops com as pessoas da comunidade para compreender quais eram as diferentes culturas que utilizavam a zona e como cada cultura também interagia no espaço público.

Começámos a compreender o espaço e também a cocriar com eles o tipo de cidade que imaginavam.

Um dos exercícios que fazíamos era:

«Escreve um postal para ti próprio a partir do futuro.»

E então cada pessoa escrevia um postal a partir do futuro para imaginar o espaço que queria.

Este foi um dos muitos exercícios que fizemos com eles.

E, no final, o mais interessante é que, na realidade, imaginavam um espaço que se construía sobre aquilo que já existia.

Não queriam começar do zero, mas imaginar como aquele espaço podia ser melhorado e como podia melhorar o encontro entre as pessoas.

No final, aquele espaço foi construído.

Era sobretudo um espaço de abertura de espaços públicos, espaços públicos que tradicionalmente tinham sido mais fechados, abrindo-os a toda a cidadania.

E, no outro dia, vieram uns arquitetos e urbanistas de Berlim — não, de Munique — e disseram-me:

«Mostra-me alguns dos projetos que fizeste.»

E levei-os a estes espaços já construídos.

E eu explicava-lhes:

«Aqui fizemos isto, aqui...»

Explicava-lhes um pouco como tinha começado o projeto e disseram-me:

«Claro, as pessoas de lá já estão a viver todos estes espaços, cada uma está a apropriar-se deles...»

E perguntaram-me:

«Mas quando fizeste este projeto?»

E eu disse:

«Bem, isto ficou concluído há dois anos.»

E responderam-me:

«Parece que existe há 50 anos.»

Era o facto de as pessoas estarem a viver os espaços como se fossem seus.

Não era um novo centro comercial que tinham acabado de instalar, mas eram realmente espaços que as pessoas utilizavam no seu dia a dia.

E eu acho que estes são os espaços que favorecem esta interação social.

Como construir estes espaços para esta quotidianidade de nos encontrarmos entre todos e todas.

**Eulàlia Bosch:**

Fantástico, fantástico.

Oriol, quero perguntar-te sobre esta cidade dispersa que todos vivemos, vendo como em redor das cidades aparecem quilómetros de moradias isoladas em urbanizações, onde é sempre preciso pegar no carro para ir comprar pão e onde é estranho encontrarmos alguém por acaso, porque quase nunca andamos a pé.

O que nos acontece a todos quando isto acontece?

**Oriol Nel·lo:**

Na realidade, isto é o resultado da combinação de duas tendências.

Uma primeira é a tendência das nossas cidades para se expandirem pelo território, para integrarem cada vez mais espaço, fazendo com que nós residamos num município, trabalhemos noutro, façamos compras num terceiro, levemos as crianças à escola num quarto, etc. Esta é uma tendência.

E a outra está relacionada com o fenómeno de que falávamos no início, que é a tendência dos grupos sociais para se separarem no espaço, aquilo a que chamamos segregação residencial, que é o principal inimigo de habitar a cidade e de construir o nós.

O que é isso da segregação residencial? Todos sabemos. A tendência, dizíamos, dos grupos sociais para se separarem no espaço.

Esta é uma tendência histórica. O Pablo vem de Inglaterra e poderia explicar-nos melhor do que eu a história de Friedrich Engels.

Para os jovens da sala que talvez não o conheçam, Engels era um jovem alemão nascido na Renânia, numa boa família de industriais têxteis, e quando tinha 20 anos começou a seguir o mau caminho.

Andava com grupos socialistas, etc. A família disse: «Este rapaz tem de pôr os pés no chão», e enviou-o para Manchester para ver se aprendia o ofício e se tornava um bom empresário, etc.

Engels, em vez de fazer isso, apaixonou-se por uma operária irlandesa analfabeta que viria a ser sua companheira durante toda a vida, Mary Burns.

E ela, como se o levasse pela mão, fez-lhe conhecer uma Manchester que ele nunca teria conhecido na sua vida de jovem empresário.

E a Manchester de que Engels nos fala é uma Manchester em que os operários da Revolução Industrial viviam nuns bairros, os empresários noutros e praticamente não se viam.

Isto é a segregação: ou seja, a tendência dos grupos sociais para se separarem no espaço.

Como funciona a segregação?

Funciona essencialmente a partir da nossa diferente capacidade de escolher o local de residência. De que depende esta nossa capacidade de escolher o local de residência? Dos nossos rendimentos, por um lado, e do preço do solo e da habitação, por outro.

É claro que aqueles que têm mais recursos têm uma maior capacidade de escolher.

E os que têm menos recursos? Pois aqueles que têm menos recursos veem-se confinados, se quisermos dizê-lo assim, aos locais onde os preços são mais baixos.

Por que razão os preços são mais baixos nalgumas partes da cidade e não noutras? Porque são menos acessíveis, porque há menos serviços, porque estão mais poluídas, porque há menos ar limpo, no caso de La Paz.

E assim vemos como os grupos mais vulneráveis se concentram em determinados bairros.

E os que têm mais recursos, o que fazem?

E aqui chego à tua pergunta. Pois estes também se agrupam entre si.

Para quê? Para usufruírem dos privilégios de viver entre os seus iguais e poderem usufruir de determinados serviços sem necessidade de os partilhar com os outros.

E isto explica, em grande medida, que a cidade esteja dispersa em urbanizações de baixa densidade, em moradias, etc. É fruto da saída destas camadas médias e altas da cidade para o espaço metropolitano.

Que efeitos tem isto?

Voltamos à forma e ao espírito, à forma da cidade e às relações sociais.

Vejam, para não falar de Granollers, deixem-me falar de Sabadell, que fica aqui ao lado.

Em Sabadell, tradicionalmente, os grupos sociais mais ricos tinham vivido no centro. Enquanto a imigração, sobretudo a espanhola, dos anos sessenta e setenta, se tinha instalado nos bairros da periferia.

Espronceda, Campoamor, Torre-romeu, Can Puiggener, etc.

Esta distinção mantém-se ainda hoje. Mas agora, quando olhamos para a situação, percebemos que há um conjunto de municípios em redor de Sabadell onde existem rendimentos muito elevados.

Castellar, Sant Quirze.

O que são estes municípios?

São os bairros ricos de Sabadell.

E se olharmos para Terrassa, percebemos o mesmo.

Rendimentos elevados no centro, rendimentos baixos nos dois cursos de água, a riera de les Arenes, o torrent de la Maurina, e o município vizinho, Matadepera, com um rendimento muito elevado.

Que consequências tem isto?

Pois o facto de aqueles que têm mais recursos viverem noutra município faz com que paguem os impostos nesse outro município e tenham mais recursos para se dotarem de serviços, que, por outro lado, necessitam menos do que os outros nesse município.

Enquanto municípios como Sabadell ou Terrassa, onde se concentra uma grande parte de população muito vulnerável e que necessitaria de serviços, têm menos recursos municipais per capita do que os municípios vizinhos.

Por isso é tão importante não pensar apenas na forma urbana, de que talvez possamos falar depois, mas também no governo urbano.

Ou seja, como fazemos nós para que existam mecanismos que permitam partilhar impostos que servem para pagar serviços.

Fantástico.

Vamos agora a três questões, porque seremos rigorosos, mas chegaremos ao fim.

Três questões que me interessaram enquanto preparava esta sessão.

Lembrei-me de George Steiner, que diz que a cidade mediterrânica, como Barcelona, por exemplo, é aquela que se pode percorrer indo de café em café.

Esta observação parece-vos pura literatura? Parece-vos uma metáfora? Parece-vos que tem alguma coisa a ver com a construção do espaço urbano? Como veem isto?

No outro dia li um artigo que explicava que em França estão a fechar os *bars-tabac*, os cafés onde se vendia tabaco, e que funcionavam como um centro de relação nos bairros.

É verdade que nós temos, nos nossos bairros, nas nossas cidades, uma grande quantidade de lugares de convívio, onde podemos encontrar-nos e onde podemos criar comunidade, se quisermos dizer assim.

A mim, talvez, a particularidade que me interessa especialmente em cidades como as nossas é que podemos percorrê-las não apenas indo de café em café, mas indo de espaço conquistado em espaço conquistado, no sentido de que o Pedro falava antes.

Eu nasci no bairro de Font de la Guatlà, que é um bairro perdido de Barcelona, no sopé da montanha de Montjuïc, do lado errado da Gran Via.

Quando eu era pequeno, a montanha ainda estava coberta de barracas. Isto é do Paleolítico, está claro, mas era assim.

Se fizermos um passeio pelo meu bairro e sairmos, por exemplo, da Plaça Espanya, subirmos pela estrada de Tarragona, encontramos um grande parque, o parque Joan Miró.

O que é este parque?

Era onde ficava o matadouro.

Por que há ali um parque?

Porque os moradores disseram que aqueles quatro quarteirões tinham de ser verdes, para os moradores e já.

Continuaremos a caminhar um pouco mais acima e chegaremos à estação de Sants, viraremos à esquerda e entraremos noutra parque, o parque de l'Espanya Industrial.

Por que há ali um parque?

Ali, o senhor José María España, sobre quem não vamos entrar agora em detalhes, tinha previsto construir alguns milhares de habitações através de uma operação especulativa nos anos setenta.

Por que há o parque?

Porque os moradores o defenderam.

E continuamos um pouco mais e encontramos o Vapor Vell.

E no Vapor Vell há a Biblioteca de Sants.

Por que há uma biblioteca no Vapor Vell em vez de um centro comercial, como estava previsto?

Porque os moradores conseguiram isso.

E continuaremos e iremos às Cotxeres de Sants.

E nas Cotxeres de Sants encontramos um centro cívico.

Porquê?

Porque os moradores conseguiram isso.

E continuaremos e encontraremos Can Vies.

E em Can Vies encontraremos cooperativas de habitação.

E assim poderíamos continuar todo o percurso.

Os moradores, os cidadãos, não são apenas residentes na cidade.

São também, e talvez em primeiro lugar, construtores da cidade.

E aquilo de que gosto na cidade, para além dos bares, que são ótimos para tomar um café, etc., é esta possibilidade de reconhecer a nossa cidade a partir dos espaços conquistados.

**Eulàlia Bosch:**

Eu vivo em Gràcia e, de cada praça, podemos ver outra praça. Podemos sempre ver outra praça.

Queres acrescentar alguma coisa?

**Pablo Sendra:**

Não, acho que... Só dizer que estou totalmente de acordo.

Acho que ainda ontem à tarde estive em Can Vies, que é um dos espaços de que ele falava. Estava a visitá-lo e, na realidade, vê-se como esta infraestrutura social foi construída a partir de baixo.

Às vezes digo que, voltando um pouco a Londres, embora não seja uma cidade mediterrânica, Londres é realmente uma cidade famosa e conhecida graças à forma como foi construída pelas pessoas.

Na realidade, Londres tornou-se muito famosa nos anos setenta pela sua cena musical, que vinha muito de baixo, pela cultura, por tudo isso.

E, na realidade, tudo isso foi construído pelas pessoas.

Não veio de grandes projetos, mas da forma como as pessoas o construíram.

**Eulàlia Bosch:**

Outra pequena pergunta que vos queria lançar é...

No artigo que Richard Sennett escreveu para o livro *Educação e vida urbana, 20 anos de Cidades Educadoras* — pequena pausa publicitária —, um livro publicado há quase 20 anos e que continua a ter uma enorme atualidade, no qual muitas pessoas falaram sobre como viam a educação a partir da cidade e como viam a cidade a partir da educação.

Nesse livro, Richard Sennett escreveu e colocou uma questão que consiste em pensar a vida sob a palavra de ordem do capitalismo avançado: «Nada a longo prazo.»

Eu dir-vos-ia que colocassem esta palavra de ordem deste capitalismo brutal no frigorífico e a lessem todas as manhãs até se convencerem de que há aqui um problema.

É um princípio, diz Sennett, que vai contra a confiança, contra a lealdade e contra o compromisso mútuo.

E pergunto-vos: a criação de espaços públicos que favoreçam a expressão da complexidade social pode ser um elemento capaz de conter, de acabar por anular, esta palavra de ordem do «nada a longo prazo»?

**Pablo Sendra:**

Eu acho que os espaços de resistência que construímos, esses espaços de que o Oriol falou agora mesmo, fazendo-nos este percurso até Sants, vão inevitavelmente coexistir com este capitalismo avançado.

Há pouco tempo estava precisamente a conversar com Richard Sennett, estávamos a tomar um café, e ele dizia-me: «O capitalismo deixa muitos resíduos.»

Era isso que Richard me dizia: o capitalismo funciona o tempo todo como se fosse tão rápido que aquilo de que não gosta é descartado.

Então, na realidade, ele também via muitas vezes uma oportunidade em aproveitar aquilo que o capitalismo praticamente descartou, ou espaços que estão à espera, e em criar resistência a partir daí.

Na realidade, se quisermos mudar completamente o sistema de um dia para o outro, não vamos mudar nada.

Eu acho que o que temos de continuar a fazer é construir estes espaços de resistência que inevitavelmente vão coexistir com outros espaços do capitalismo, mas que, pouco a pouco, o vão contrariar e demonstrar a outras pessoas que viver de uma forma muito mais cooperativa e muito menos competitiva também é a forma mais eficiente de vivermos juntos.

O capitalismo tenta muitas vezes defender a eficiência.

Quando, na realidade, por exemplo durante a pandemia, ficou demonstrado que a forma como as pessoas podiam receber alimentos, a forma como podiam contactar com outras pessoas, era através de pequenos grupos, pequenas associações que trabalhavam em conjunto e em rede, pequenas associações de ajuda mútua.

Não foi o capitalismo que resolveu isso.

O capitalismo veio depois para aproveitar outras situações e, como sempre, tentar sair mais forte de todas as situações.

Mas, na realidade, foram esses momentos de cooperação que permitiram que muitas pessoas conseguissem seguir em frente.

É também importante ter consciência disso: que, na realidade, é muito mais eficiente viver de forma cooperativa do que de forma competitiva, que é para onde o capitalismo quase nos quis conduzir.

O capitalismo tenta fazer com que ignoremos esta realidade.

Mas, nesse mesmo dia em que falava com Richard, ele dizia-me também que, na realidade, isto é uma nuvem, uma nuvem escura que vai passar.

Ele tem esta confiança algo otimista. Falávamos sempre sobre isso: dizia que, na realidade, isto não existe há assim tanto tempo e que esta nuvem escura vai passar.

E, na realidade, as pessoas vão perceber que é muito mais eficiente viver de forma cooperativa.

**Oriol Nel·lo:**

Sim, o «nada a longo prazo» na cidade é catastrófico.

Que vos hei de dizer?

Por exemplo, aqui na Catalunha tentámos fazer, como a Lali comentava, tal como fez o presidente da Câmara Maragall, e como também fizeram vocês aqui em Granollers, projetos para melhorar a vida nos bairros mais desfavorecidos.

Ou seja, precisamente onde o mecanismo de segregação social, de segregação residencial, concentra a população com maiores necessidades de serviços, colocamos especialmente serviços nesses locais.

Colocamos bibliotecas, centros cívicos, com a ideia de que, se estes bairros precisam de mais serviços, promovemos a equidade social através desta intervenção.

O que temos agora?

Com o «nada a longo prazo», a nossa residência, o tempo que todos nós permanecemos nos nossos bairros, nas nossas cidades, torna-se cada vez mais curto.

Aquilo a que chamamos *turnover*, a rotação da população, torna-se cada vez mais rápida.

Da mesma forma que vivemos, que residimos num município, fazemos compras noutro, trabalhamos num terceiro, etc., ao longo do ano estamos uma semana aqui, um mês ali; ao longo da vida vivemos cada vez mais em muitos lugares diferentes.

E isto põe em causa esta possibilidade de tentar melhorar a condição das pessoas, as suas oportunidades, através da melhoria do lugar onde vivem.

Qual é o antídoto para isto?

Aquilo que o Pablo dizia agora mesmo.

Se fôssemos capazes, se formos capazes, de criar espaços de relação, espaços onde as pessoas criem raízes, criem comunidade, se sintam integradas e possam desenvolver projetos coletivamente, melhoramos muito as possibilidades de que estas políticas de melhoria dos bairros acabem por beneficiar o conjunto da população.

**Eulàlia Bosch:**

A última pergunta é para vocês.

Também me refiro à leitura do livro do intérprete de Sennett, porque, como pensava que Sennett vinha, voltei a lê-lo.

E, referindo-se aos músicos que ele era e aos atores, fala do espetáculo não verbal do intérprete.

E então pergunto-vos:

A arquitetura e o urbanismo dispõem de linguagens ocultas?

Dispõem de uma espécie de linguagem não verbal que espera, escondida, para ser ou não compreendida?

E como é que isso se relacionaria com aquilo que me dizias ontem, quando vocês são professores universitários?

Estão a falar de algumas dessas linguagens ocultas da arquitetura e do urbanismo para que a cidade com que sonham seja possível?

**Pablo Sendra:**

Sim, aqui faria quase referência à ideia de educar através da cidade, que, penso eu, está no centro deste congresso.

Dou aulas numa universidade em Londres. É um mestrado que dura um ano e, nesse mestrado, tenho estudantes de todas as nacionalidades possíveis.

Tenho entre 50 e 60 estudantes que vêm de todo o mundo, e muitos deles vêm a Londres pela primeira vez e não conhecem a cidade.

Então, convido-os sempre a aprender realmente com a cidade, a descobrir quais são os espaços que geram mais interação social, mais justiça social.

Também os convido a conhecer as pessoas que habitam esses espaços e a investigar quais são os espaços e as situações que aproximam essas pessoas.

Todos os anos dou um curso na universidade em que criamos uma aliança com uma associação de moradores e decidimos com a associação o que os estudantes vão fazer.

Além disso, convidamos os moradores e as moradoras a inscreverem-se no curso e a frequentá-lo juntamente com os estudantes.

Na realidade, esta situação de aprendizagem mútua entre pessoas que vivem num bairro e que explicam como se vive nesse bairro, quais são os espaços utilizados, faz com que os estudantes aprendam muito mais sobre a teoria formal do desenho urbano.

Essa teoria também é importante e têm outras disciplinas para a trabalhar.

Mas é muito importante que aprendam também como os espaços são vividos.

Por exemplo, o facto de uma biblioteca local que, aparentemente, se a olhássemos num plano, poderia levar-nos a dizer que aquele espaço pode ser eliminado e que ali podem ser construídos blocos habitacionais porque são necessários nessa zona...

Na realidade, quando essa biblioteca é o único espaço de que as pessoas dispõem para se reunir, organizar-se, tomar decisões conjuntas, porque é o único espaço comunitário que existe no bairro, acho que é muito importante que os estudantes se apercebam disso, que descubram esses espaços de encontro.

Para mim, é também muito importante aprender com a cidade, aprender como os espaços são utilizados e quais são os espaços que permitem esta organização dos moradores, por exemplo.

### **Oriol Nel·lo:**

Muitas vezes, Lali, referimo-nos à cidade como se fosse uma criação dos arquitetos.

Falavas no início da Barcelona de Cerdà, falamos também da Paris de Haussmann ou, por vezes, em vez de falarmos dos arquitetos, falamos dos príncipes: a Florença dos Médici, a Madrid dos Habsburgos, a Barcelona de Pasqual Maragall.

A verdade é que, em cada momento, estes atores — que têm, sem dúvida, uma grande importância —, os urbanistas, os arquitetos, os engenheiros e os governantes, têm de contar com os cidadãos.

E os cidadãos organizados têm interesses e têm direitos, e organizam-se para os defender e, como dizíamos, são muitas vezes construtores da cidade.

E aqui há uma questão de que talvez tenham ouvido falar: o movimento dos acampamentos de Santiago do Chile.

São ocupações de terrenos a partir das quais foram construídos bairros inteiros.

As pessoas que integram este movimento dizem que temos de fazer as coisas sem o Estado, contra o Estado e com o Estado.

Temos de as fazer sem o Estado, seguindo o vosso exemplo de nos instalarmos debaixo da autoestrada e desenvolvermos aí os nossos projetos de forma autónoma.

Temos, por vezes, de as fazer contra o Estado.

Porquê?

Porque temos de reivindicar os nossos direitos onde eles não nos sejam reconhecidos.

E temos de as fazer com o Estado.

Porquê?

Porque queremos que o Estado acabe por legitimar, acabe por legislar sobre os nossos direitos.

E isto também se aplica à cidade.

E fazê-lo com o Estado implica também, no caso da Cidade Educadora, a integração das políticas educativas nas políticas urbanas.

O Plano de Bairros de Barcelona, por exemplo, este plano de reabilitação dos bairros de Barcelona, investiu nos últimos anos um euro em cada quatro em políticas educativas.

E porquê?

Porque, como dizia Xavier Bonal, que esteve por aqui nestes últimos dias, num artigo recente dizia que é necessário incorporar a equidade educativa como princípio orientador das políticas urbanas e a justiça social como elemento institucional das políticas educativas.

É este o jogo.

**Eulàlia Bosch:**

Quero encerrar esta mesa com uma pergunta que lhes faço a eles, mas que também vos faço a vocês, talvez uma dessas perguntas para colocar no frigorífico, para as vermos de manhã enquanto bebemos o sumo de laranja.

E quero referir-me a um momento de quietude no meio do ruído urbano, em toda esta confusão que é a vida urbana.

Quero concentrar-me na imagem do momento em que dois grupos informais de pessoas param e voltam a pôr-se em movimento para respeitar um semáforo.

Nesse momento, quando estão paradas umas diante das outras, há olhares que se cruzam, fragmentos de conversas que se ouvem, uma observação das roupas, uma consciência dos cães que param ou não quando o sinal está vermelho, uma atenção às cadeiras de rodas, às pessoas com diferentes mobilidades.

E a minha pergunta é:

Consideram os momentos de vida urbana condensados nos semáforos elementos de humanização das ruas?

Se quiserem responder, respondem; se não, não.

Não querem que respondamos?

Querem que respondamos ou não?

Se quiserem, sim; se não, não.

Foi um enorme prazer ter estes jovens aqui, ter todo este grupo de jovens ali, ter as pessoas de meia-idade no meio e os mais velhos; realmente, aplaudimo-vos.

E às Cidades Educadoras gostaria de dizer-lhes que, penso eu, falando em nome dos três, estamos disponíveis para o que for necessário.

Ou seja, se tivermos de continuar esta discussão, continuá-la-emos e chegaremos muito longe.

Não é verdade?

**Pablo Sendra e Oriol Nel·lo:**

Completamente.